

LADYJÚLIA CORDEIRO VIEIRA

ROSA LUXEMBURGO:

UM ENCONTRO ENTRE FEMINISMO E MARXISMO?



Figura 1. Rosa Luxemburgo, defendida por esse Trabalho de Conclusão de Curso, como uma notável representação do movimento feminista marxista.
(Fonte: <<http://www.gramscimania.info.ve/2012/12/la-filosofia-de-la-praxis-en-el.html>> acesso em 04/12/2019)

VIÇOSA- MINAS GERAIS

2019

LADYJÚLIA CORDEIRO VIEIRA

ROSA LUXEMBURGO:

UM ENCONTRO ENTRE FEMINISMO E MARXISMO?

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como exigência da disciplina CIS 454 –Trabalho de Conclusão de Curso II e como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Leandro Rezende

VIÇOSA- MINAS GERAIS

2019

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado

ROSA LUXEMBURGO:

UM ENCONTRO ENTRE FEMINISMO E MARXISMO?

Elaborado por

Ladyjúlia Cordeiro Vieira

como exigência da Disciplina CIS 454 – Trabalho de Conclusão Curso II e como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais, foi aprovada por todos os membros da Banca Examinadora.

Viçosa, 13 de Dezembro de 2019

Profa. Dra. Daniela Leandro Rezende (DCS/UFV)

Orientadora

Profa. Dra. Daniela Alves de Alves (DCS/UFV)

Profa. Dra. Rayza Sarmiento de Sousa (DCS/UFV)

Nota _____

AGRADECIMENTOS

Minha mãe, meu pai e meu irmão são as pessoas mais maravilhosas dessa vida. Tudo o que sou é devido a relação de amizade que desenvolvemos, esse agradecimento não teria outra forma de começar senão por eles. Obrigada pelo apoio de sempre, pelo carinho, amor e compreensão, por estarem tão dispostos a conhecer e aprender sobre a vida juntos. Amo a liberdade que tenho de falar com vocês sobre qualquer coisa que estou pensando sobre o mundo. Vocês são o motivo da minha risada mais verdadeira.

À minha melhor amiga, minha reciprocidade, Gabi, que é presente em todos os meus dias, que mesmo de longe fica sempre perto. Pelo carinho e atenção, pela conexão, pelo amor, por ser minha alma gêmea.

A todas as minhas amigas que, de longe ou de perto, me ajudam, acolhem e exploram essa vida comigo. Obrigada pelos diversos aprendizados e por contribuírem e acompanharem todas as minhas mudanças. À toda minha grande família por ter me ensinado a festejar e a sorrir alegre à vida.

À minha orientadora, Daniela, por ter sido tão compreensiva e disponível a me ensinar e a somar conhecimentos. Desde o início do curso, você foi e é minha inspiração.

À minha psicóloga e amiga, Mary, que devo uma atenção especial. Se hoje eu acredito que a vida pode ser boa é por tudo que aprendi com você.

À vida e ao universo que, entre os mil acasos me possibilitaram estar aqui e fazer a coisa que mais amo fazer: conhecer!

À Fatinha, minha gatinha e a Lilizona, minha cachorrinha, que me ajudam e ensinam a olhar com mais carinho e respeito aos animais.

E por fim, uma homenagem a Rosa Luxemburgo. Nunca pensei que pesquisar uma história poderia mudar tanto a minha caminhada. Conhecer Luxemburgo me ensinou a ser mais otimista, esperançosa, confiante e revolucionária. Em 15 de abril de 1917 ela escreveu à Luise Kautsky, mas li como se fosse para mim: “Caríssima, quando temos o mau costume de buscar uma gota de veneno em toda e qualquer flor em botão, encontraremos um motivo para lamentações enquanto estivermos vivos. Mas olhe as coisas pelo outro lado e procure mel em qualquer flor em botão e você encontrará quase sempre um motivo para estar alegre.”

“[...] eu rio à beça, fico feliz se a coisa anda mesmo sem mim e acredito firmemente que andará bem. A história quase sempre sabe a melhor maneira de encontrar a saída justamente quando da maneira mais desesperada, parece ter se metido num beco sem saída.”

(LUXEMBURGO, 1917 apud LOUREIRO, 2018, p. 258)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa Rosa Luxemburgo	0
Figura 2. Rosa Luxemburgo aos 12 anos, quando vivia em Varsóvia.....	11
Figura 3. Rosa Luxemburgo em 1893.....	12
Figura 4. Rosa Luxemburgo e Luíse Kautsky (à direita)	13
Figura 5. Presídio feminino de Berlim	16
Figura 6. Clara Zetkin (à esquerda) e Rosa Luxemburgo	17
Figura 7. <i>Die Hölle</i> (O Inferno)	18
Figura 8. Rosa Luxemburgo em 1900	22
Figura 9. Rosa Luxemburgo em 1907	30
Figura 10. Rosa Luxemburgo em 1906	32
Figura 11. Rosa Luxemburgo discursando em Sttugart/1907	37
Figura 12. Presídio em Wronke	41
Figura 13. Placa colocada na casa de Rosa Luxemburgo	45
Figura 14. Cartaz de Rosa Luxemburgo em uma manifestação	47

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar se elementos fundamentais do feminismo marxista estão presentes nas obras de Rosa Luxemburgo. Através de uma análise documental atravessada pela noção de afinidades eletivas – *Wahlverwandtschaft*, conceito trabalhado por Weber (2013)- analisei *Writings on Women (1902 – 1914): A Tactical Question, Address to the International Socialist Women’s Conference, Women’s Suffrage and Class Struggle e The Proletarian Woman* a partir das lentes do feminismo marxista, considerando as contribuições de FEDERICI (2017), BHATTACHARYA (2013) e MACKINNON (2016), o que me permitiu observar que Luxemburgo se atentou ao movimento das mulheres trabalhadoras, fazendo convergir ações e teorias ao encontro de um processo de construção e consolidação do feminismo marxista, conjuntamente com a inclusão de um caráter mais democrático e libertário no movimento socialista. Ao mobilizar documentos de Luxemburgo, ressaltando suas lutas e sua personalidade, argumento que é possível encontrar em sua obra aportes do feminismo marxista, ainda que a autora seja reconhecida mais pela sua contribuição ao marxismo que ao feminismo.

Palavras-chave: Rosa Luxemburgo; Mulheres; Movimento de mulheres; Movimento Socialista; Feminismo marxista.

Abstract

This paper aims to investigate if there is fundamental elements of Marxism feminism in Rosa Luxemburg's works. Through a documental research crossed by the view of elective affinities – *Wahlverwandtschaft*, concept used by Weber (2013) – I lean myself over the Writings on Women: *A Tactical Question, Address to the International Socialist Women's Conference, Women's Suffrage and Class Struggle e The Proletarian Woman*, by the Marxism feminism's lens considering the contributions of FEDERICI (2017), BHATTACHARYA (2013) and MACKINNON (2016), which allowed me to observe that Luxemburg paid attention to the movement of women workers, converging actions and theories towards a process of construction and consolidation of feminism, together with the inclusion of a more democratic and libertarian character in the socialist movement. By mobilizing Luxemburg documents, emphasizing her struggles and personality, I argue that it is possible to find in her work contributions of Marxist feminism, even though the author is recognized more for her contribution to Marxism than to feminism.

Keywords: Rosa Luxemburg; Women; Women's movement; Socialist movement; Marxist feminism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2.1. Teoria da Espontaneidade e Greve de Massas	20
2.2. Feminismo Marxista	22
3. METODOLOGIA	27
4. AFINIDADES ELETIVAS ENTRE FEMINISMO E MARXISMO EM ROSA LUXEMBURGO	30
4.1. A Tactical Question (1889)	31
4.2. Address to The International Socialist Women's Conference (1907)	35
4.3. Women's suffrage and class struggle (1912).....	37
4.4. The Proletarian Woman (1914)	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1. INTRODUÇÃO

Rosa Luxemburgo é frequentemente associada ao movimento socialista. Com razão, já que a autora dedicou uma vida inteira em prol da teoria e da prática revolucionárias. Ao estudar suas obras, porém, é perceptível que além de envolvida no socialismo, ela aproxima-se também da questão das mulheres. A liberdade das massas tão defendida por ela inclui, explicitamente, a libertação das mulheres. A partir da perspectiva marxista, a autora defende um projeto político baseado na afirmação de que a luta de classes também é a luta das mulheres a favor de sua própria libertação; a revolução depende delas e somente com elas conseguirá desinstitucionalizar as diversas opressões perpetuadas pelo capitalismo. Por meio da história de vida da autora e da análise de seus escritos, argumento que é possível identificar elementos característicos do feminismo marxista, associados à evolução da luta das mulheres trabalhadoras dentro do movimento socialista.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é investigar se elementos fundamentais do feminismo marxista estão presentes nas obras de Rosa Luxemburgo. Através de uma análise documental atravessada pela noção de afinidades eletivas – *Wahlverwandtschaft* (WEBER, 2013)- analisei os textos *A Tactical Question*, *Address to the International Socialist Women's Conference*, *Women's Suffrage and Class Struggle* e *The Proletarian Woman* a partir das lentes do feminismo marxista, investiguei se seria possível encontrar em sua obra aportes do feminismo marxista, ainda que a autora seja reconhecida mais pela sua contribuição ao marxismo que ao feminismo.

Rosa Luxemburgo foi uma judia-polonesa que se dedicou por inteiro à luta de classes desde que entrou, aos 15 anos, para o movimento revolucionário, na época clandestino, na Polônia. Viveu 47 anos (5 de março de 1871 -15 de janeiro de 1919), 32 deles dedicados à revolução socialista. Foi assassinada pela classe burguesa e por intelectuais traidores da social-democracia. Paul Frölich (2019), o primeiro autor a escrever uma biografia sobre a autora, expõe um trecho em que Clara Zetkin¹ comenta

¹ “Zetkin, Clara (1857 -1980): professora, diretora da revista feminina social-democrata *Die Gleichheit* e integrante do SPD. Amiga e confidente de Rosa Luxemburgo, é uma figura histórica do

sobre uma de suas mais íntimas amigas: “Com força de vontade, abnegação e dedicação tais que palavras não conseguem expressar, Rosa Luxemburgo empenhou ao socialismo tudo o que ela era, tudo o que levava dentro de si”.



Figura 2. Rosa Luxemburgo aos 12 anos, quando vivia em Varsóvia.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

feminismo; em 1910 propôs a criação do Dia Internacional da Mulher. Foi uma das fundadoras da Liga Spartakus; deputada no Reichstag pelo KPD de 1920 a 1933; exilou-se em Moscou onde morreu.” (LOUREIRO, Isabel, 2018, p. 387)



Figura 3. Em 1893, Luxemburgo frequentava a universidade em Zurique.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

Ao se jogar na vida política, Luxemburgo tratava de se esforçar para pensar em tudo e, por vezes, isso a levava a embates ferrenhos, dos quais saía como uma pessoa extremamente rígida. O caráter exigente da cobrança para que os outros se esforçassem para o bem comum, pelo socialismo, era pelo fato de que ela mesma se propunha a isso, em um nível muito mais estreito do que aquele que exigia de seus camaradas. “Todas as suas decisões políticas tinham que se justificar no tribunal da razão e da teoria. Pensamento e ação eram para ela uma unidade indissolúvel” (FRÖLICH, 2019, p. 199).

Rosa Luxemburgo transbordava coragem, entregava a sua vida ao socialismo sem medir esforços. A alegria e o otimismo brilhantes da autora eram definitivamente uma

de suas armas políticas. Numa carta à sua amiga Luise Kautsky² no dia 25 de julho de 1918, ela escreve como quem sabe que a história percorrerá o seu caminho: “Tenha coragem, nós vamos continuar enfrentando a vida, venha o que vier. Confie em mim, juntas abriremos caminho com obstinação e jamais esqueceremos de gozar agradecidas as mínimas coisas belas e boas que ainda restam” (LOUREIRO, 2019, p. 346).



Figura 4. Rosa Luxemburgo e Luise Kaustky (à direita)
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

Sua vida inteira foi dedicada ao bem geral, à justiça, à fé no povo. “No princípio era a ação” (FRÖLICH, 2019, p. 155), uma de suas falas mais memoráveis, é um

² Kautsky, Luise (1885 - 1944), também chamada de Lulu era uma das amigas mais próximas de Rosa Luxemburgo. Conheceram-se através de Karl Kautsky, marido de sua amiga e ex-camarada de Luxemburgo que se aproximou do reformismo do SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha) e por consequência, romperam laços.

espelho de Rosa Luxemburgo, que via tanto poder na ação, que viveu em prol de ser aquilo que pensava. Esse forte traço da autora se tornou base para a elaboração de sua teoria sobre greve de massas e espontaneidade da ação política.

Por essas e outras passagens escritas por autores/as sobre Luxemburgo e em seus próprios escritos, a autora é muito recordada por sua gigante atuação dentro do movimento socialista, considerada a maior dirigente marxista da história. Ao nunca hesitar em questionar seus companheiros e fazer críticas ferrenhas construtivas, a autora pregava fielmente a liberdade e a democracia dentro do processo revolucionário, “liberdade é sempre liberdade de quem pensa de modo diferente.”(LUXEMBURGO, 2017, p. 93) “A águia”, como era chamada por Vladimir Lenin, era um símbolo de resistência, da incansável luta pela libertação dos povos.

Suas principais obras foram *Reforma ou Revolução?* (1899) e *A Acumulação do Capital* (1913) mas é imenso o arsenal da autora em artigos publicados em diversos lugares, cartas, livros, etc. Apesar da vida turbulenta, entre uma casa e outra, entre uma prisão e outra, Luxemburgo sempre se dedicou à escrita. Muitas áreas do conhecimento eram de seu gosto (artes, geologia, biologia), mas em seus escritos ela se debruça sobre a vida política e dedica-se inteiramente à defesa da democracia, ao socialismo. Também a defesa da participação das mulheres na vida política é notada em suas obras. Mesmo que em menor volume quando comparados à parte da obra em que trata de questões centrais para o socialismo, em uma revisão bibliográfica focada nos escritos da autora sobre a questão específica das mulheres, é fácil perceber que a luta política por uma sociedade melhor e mais justa inclui a percepção de que as mulheres são agentes políticos, dotadas de autonomia e liberdade.

Ao ler o livro de cartas (Rosa Luxemburgo Volume 3) organizado por Isabel Loureiro³ (2018), é quase impossível não se interessar pela personalidade da autora, que se certificava de ser rígida em suas críticas na mesma intensidade que tratava de ser carinhosa e atenciosa com as pessoas queridas ao seu redor. Viver é um ato político e viver para lutar pela libertação dos povos é ainda mais. Acredito que essa eterna luta

³ Isabel Loureiro é uma filósofa especialista em Rosa Luxemburgo, é a principal fonte de organização e tradução das obras da autora no Brasil. Faz-se extremamente importante frisar sua contribuição para a recepção das obras da autora no país.

pelos direitos das massas é o que faz com que Luxemburgo seja enxergada muito além de apenas uma mulher símbolo do movimento socialista, mas também como uma representação do movimento das mulheres, contribuindo para que naquela época a Alemanha fosse o centro do movimento internacional de mulheres, aliado à Segunda Internacional.

A autora, através de seus atos, demonstra claramente que a imparcialidade não existe e que o político perpassa todos os âmbitos da vida social. Isso transparece fortemente na carta de 18 de fevereiro de 1916, quando Luxemburgo havia saído do presídio feminino da Barnimstraße⁴ e demonstra todo seu caráter de vida pessoal, emaranhado em ato político e carinho por seus/suas camaradas, sejam eles do partido ou das massas. A vida de Rosa Luxemburgo era símbolo de resistência para as mulheres e ela sabia disso:

Como as camaradas daqui me receberam, você já deve ter ouvido contar. Mais de mil delas foram me buscar e então vieram em massa à minha casa para me dar um aperto de mão. Minha casa ficou e ainda está atopetada com os presentes que elas me deram, caixas de flores, bolos, roscas, latinhas de conservas, saquinhos de chá, sabonete, chocolate, sardinhas, legumes finíssimos – como um empório, tudo preparado por essas pobres e afetuosas mulheres, posto em conserva por elas mesmas, trazido por elas mesmas. Você deve saber o que sinto quando vejo isso. Gostaria de uivar de vergonha e só me consolo em pensar que não senão o mastro em que elas penduraram a bandeira de seus entusiasmo comum pela luta. (LUXEMBURGO, 1916 apud LOUREIRO, 2018, p. 205)

⁴ Barnimstraße foi um presídio feminino construído na Alemanha no regime nazista.

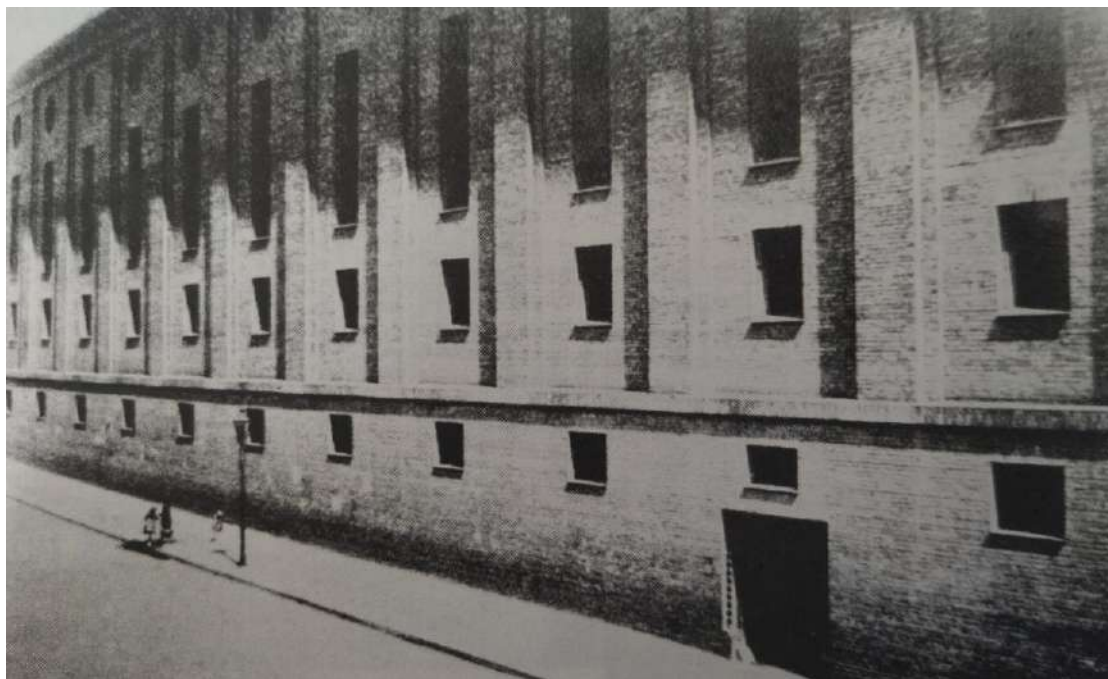


Figura 5. Presídio feminino de Berlim, na rua Barnim, onde Rosa Luxemburgo ficou presa de fevereiro de 1915 a fevereiro 1916.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

Conjuntamente com a classe trabalhadora, enfrentava diretamente o sistema capitalista. Nesta mesma carta do trecho acima, escrita em 9 de março de 1916 para Clara Zetkin, retirada do livro de Loureiro (2018), ela relata a recepção de suas camaradas ao sair de uma prisão⁵. Luxemburgo era símbolo de carinho.

⁵ Rosa Luxemburgo foi perseguida por vários anos de sua vida política, entre viagens e mudanças de casas/cidades/países, algumas vezes era apreendida ou se entregava como símbolo de resistência e proteção às (aos) suas(seus) camaradas.



Figura 6. Clara Zetkin (à esquerda) (1875-1933)
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

Fora julgada de forma errônea por liberais e seus próprios camaradas sobre suas prioridades. Estes acreditaram que a demasiada atenção da autora à ação excluía para ela o papel da teoria e não percebiam que sua teoria estava presente em todos os reflexos de suas ações. Ao mesmo tempo em que Luxemburgo e as mulheres partilhavam de carinho e empatia, partilhavam ainda mais de força política, organizando o movimento das mulheres e homens socialistas, como construção da grande greve das massas.

Você sentiria uma alegria enternecida com essas mulheres. Fui saudada pelo presidente com a declaração de que a manifestação no dia 18 foi feita de maneira espontânea, graças à iniciativa das próprias mulheres de Berlim para saudar “aquela que nos fazia falta, porque ela diz francamente aos dirigentes partidários uma palavra severa, porque ela é alguém que as altas esferas do partido preferem ver indo para a prisão que saindo dela”. (LOUREIRO, 2018, p. 205)

Com o intuito de compreender a relação entre Rosa Luxemburgo e o movimento de mulheres trabalhadoras, analiso nas obras escritas por e sobre ela possíveis afinidades eletivas entre feminismo e marxismo. Nesse sentido, investiguei quais os elementos presentes em sua obra que permitem identificar não apenas a militante e teórica socialista, mas também feminista.



Figura 7. *Die Hölle* (O Inferno), 1919. Max Beckmann retrata o assassinato de Rosa Luxemburgo. (Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

Tratarei melhor dessa relação em um dos próximos capítulos do trabalho, no qual me aprofundo principalmente nos escritos: *A Tactical Question*; *Address to the International Socialist Women's Conference*; *Women's Suffrage and Class Struggle* e *The Proletarian Woman*. Neles são diversos os elementos que indicam que sua luta era também pela emancipação das mulheres, direito ao sufrágio feminino, reconhecimento da importância das mulheres na vida pública, uma luta direta e constante contra seus

próprios camaradas que se recusaram a atentar sobre a questão das camaradas, com diversos pretextos.

Entretanto, antes de partir para a análise dos materiais indicados acima, considere ser importante apresentar as principais contribuições teóricas de Luxemburgo para a teoria marxista, a partir dos seus textos centrais, a *Teoria da Espontaneidade* e a *Greve de massas*. Em seguida, fiz uma discussão sobre a noção de afinidades eletivas entre o marxismo de Luxemburgo e os elementos do feminismo através da análise de documentos feitos pela e sobre a autora. Finalmente, nas considerações finais aponto quais foram os elementos encontrados e as aproximações que demonstram convergências e aproximações entre os dois.

2. O MARXISMO DE ROSA LUXEMBURGO E O FEMINISMO MARXISTA

2.1. Teoria da Espontaneidade e Greve de Massas

No outono de 1906, Rosa Luxemburgo redigiu *Greve de massas, partidos e sindicatos*, livro em que expõe “sua opinião sobre formas de ação e métodos, sobre a tática multiforme de luta da classe trabalhadora” e se preocupa em entender “a relação entre a luta cotidiana e a realização do socialismo” (FRÖLICH, 2019, p. 148). Neste artigo, ela discorre sobre os fatores internos e externos que levariam à greve de massas, uma das suas teorias centrais.

Rosa Luxemburgo defende que a revolução acontece pela organização dos trabalhadores e trabalhadoras, porque eles fornecem dados concretos para o entendimento da situação real e é através de sua organização que a greve das massas se concretizará. Somente o corpo do proletariado deve servir de molde ao movimento, tendo em vista que se o objetivo é derrubar a classe burguesa dominante, o modelo de organização não pode derivar da sociedade burguesa. Apenas a espontaneidade histórica é capaz de causar uma explosão dos mais diversos tipos de greves (políticas, econômicas, isoladas, gerais, etc.), todas elas realizadas pelo próprio povo, através das experiências e condições vivenciadas por ele, como ela argumenta:

Não há nada mais mutável que a psicologia humana. Principalmente a psique das massas esconde muitas vezes em si, como *Thalassa*, o mar eterno, todas as possibilidades latentes: calma mortal e tempestade ruidosa, a mais baixa covardia e o heroísmo mais feroz. A massa é sempre aquilo que tem que ser, dependendo das condições do tempo, e está sempre pronta a tornar-se algo diferente do que parece. (LUXEMBURGO, 1917, apud, FRÖLICH, 2019, p. 158)

O conceito de espontaneidade da autora foi alvo de inúmeras críticas. Quando Luxemburgo fala de um movimento histórico espontâneo, ela não diz que o acaso ou o destino guiarão o processo revolucionário. Na verdade, pelo contrário, como expõe Frölich (2019, p. 15), para ela, “não é a greve de massas que produz a revolução, mas é a revolução que produz a greve de massas”. A espontaneidade da autora se refere a um grau de maturidade induzida pelas forças políticas do partido e da vanguarda em um contexto de tomada de consciência pela população, como ela demonstra no trecho a seguir:

A diferença reside em que as greves de massas de 1980 foram movimentos espontâneos, nascidos de uma situação revolucionária, da exacerbação da luta e da energia das massas dos trabalhadores em sua tensão máxima. Não espontâneos, por exemplo, no sentido de que teriam sido caóticos, sem planejamentos, desenfreados e sem liderança. Pelo contrário, exatamente naquelas duas greves a liderança estava totalmente de acordo com a massa, marchando à frente, conduzindo e dominando completamente o movimento, justamente por estar inteiramente em contato com a pulsação da massa, adaptando-se a ela, não passando de porta-voz, expressão consciente dos sentimentos e das aspirações da massa.⁶ (LUXEMBURGO, apud FRÖLICH, 2019, p. 156)

A Teoria da Espontaneidade da autora não estaria, então, intrinsecamente ligada aos adventos espontâneos e muito menos, como foi acusada, à

negação ou, pelo menos, diminuição condenável do papel do partido como líder na luta de classes, veneração acrítica da massa, superestimação dos fatores impessoais, objetivos, negação ou subestimação consciência e organizada, automatismo e fatalismo do processo histórico (FRÖLICH, 2019, p. 155)

Não é difícil rejeitar essa ideia ao se ocupar da leitura dos diversos trechos escritos por ela. De fato, a unidade do povo produz a greve de massas, mas essa unidade só será consolidada se combinada com forças políticas, econômicas e sociais em um contexto histórico específico, o da revolução. O partido continua responsável por deter “certa clareza sobre a essência da luta proletária e, em especial, da greve de massas” e cultivar a “vontade de lutar” (FRÖLICH, 2019, p. 151), mas, sem diminuir sua importância, ela declara que ele não é o protagonista do processo revolucionário.

Assim sendo, o trabalho das massas, despertado pela revolução, tem como objetivo lutar contra a estrutura capitalista para a transformação radical do sistema, visando a libertação geral. A crença de que a mudança na estrutura possibilitaria uma real oportunidade para a constituição de um sistema mais igualitário, fez com que as mulheres se juntassem a causa socialista, como meio de procurarem se livrar de suas opressões. É sobre isso que o feminismo marxista se trata e é também sobre ele que me debruço a seguir.

⁶ Rosa Luxemburgo, *Gesammelte Werke*, cit., v.4, p.380.



Figura 8. Rosa Luxemburgo no ano de 1900, em Berlim, após escrever *Reforma social ou revolução?*

(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

2.2. Feminismo Marxista

Na segunda metade do século XIX, em meados dos anos 1860/1870, a questão da mulher aparece no debate marxista e produções teóricas sobre o tema começam a ebulir. Os escritos de Karl Marx e Friedrich Engels contribuíram para a formação teórica do feminismo marxista, que buscava explicar como a estrutura econômica e social se empenhava em sustentar o primeiro antagonismo de classe existente, aquele entre homem e mulher.

Em *A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado*, Engels (2016 [1884]) expõe a situação de desigualdade entre os sexos e trata a igualdade social como um problema que somente seria resolvido “quando homem e mulher tiverem, por lei,

direitos absolutamente iguais” (ENGELS, 2016 [1884] p. 60). O autor, neste mesmo livro, ainda afirma que a família monogâmica é uma das principais ferramentas da coerção entre os sexos. A monogamia, relacionamento exclusivo entre um homem e uma mulher, para ele, “surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como a proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história.” (ENGELS, 2016, p. 79). A família, como as outras instituições, possui o papel central na perpetuação da opressão de gênero e manutenção dos papéis sociais da mulher, como aponta Engels (2016):

Em um velho manuscrito inédito, redigido, em 1846, por Marx e por mim [A Ideologia Alemã], encontro a seguinte frase: ‘A primeira divisão do trabalho é que se fez entre homem e a mulher para a procriação dos filhos.’ Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 2016 [1884], p. 79)

MacKinnon (2016) mobiliza uma frase célebre de Simone de Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se” para inferir que “o gênero, olhando através das diferentes culturas, é uma qualidade apreendida, uma característica adquirida, uma condição atribuída, com qualidades que variam independentemente da biologia e com uma ideologia que as atribui à natureza” (p. 819), ou seja, há um estereótipo que direciona as mulheres a lugares específicos e garantem que elas se mantenham disciplinadas, dentro dos padrões que permitem a perpetuação do controle exercido pelo sistema. Isto remete ao conceito construído de feminilidade, que determina a posição social e política que as mulheres podem ocupar. O capitalismo se utiliza disso em prol de seu único objetivo: o lucro.

Silvia Federici (2017, p. 193), intelectual militante de tradição feminista marxista autônoma, entende que “a família surgiu no período de acumulação primitiva também como a instituição mais importante para a apropriação e para o ocultamento das mulheres”. No caso da família burguesa, o homem era a figura encarnada do Estado, responsável pelo disciplinamento dos subordinados, categoria que incluía tanto a esposa quanto seus filhos: “dentro da família burguesa, a mulher perdeu muito de seu poder, sendo geralmente excluída dos negócios familiares e confinada a supervisionar os cuidados domésticos.” (p. 193-194).

O homem trabalhador, em extrema desvantagem econômica quando comparado ao homem burguês, ainda possuía ferramentas e privilégios que o permitiam exercer também o controle sobre sua esposa. As mulheres, por mais que trabalhassem com seus maridos, não gozavam do direito de receber um salário, “enquanto na classe alta era a propriedade que dava ao marido poder sobre sua esposa e seus filhos, a exclusão das mulheres do recebimento de salário dava aos trabalhadores um poder semelhante suas mulheres” (p. 193-194).

Assim, mesmo em famílias pobres, as mulheres estavam fadadas à subjugação. O burguês era dono da propriedade privada e, com isto, controlava a sua esposa, mantendo-a longe dos negócios. O homem trabalhador, que não detinha os meios de produção, fazia de sua esposa sua propriedade privada. Catharine MacKinnon (2016) sugere que “o que distingue a mulher burguesa de sua empregada doméstica é que a segunda é paga (ainda que pouco), enquanto a primeira é sustentada (ainda que contingentemente)” (p.809).

As mulheres eram proibidas de trabalhar fora de casa e de serem "produtivas", tendo em vista que apenas a atividade que gerasse um produto concreto e material, contribuindo para geração de lucro, era tida como produtiva. Ao excluir as mulheres do âmbito do trabalho e taxá-las como não produtivas, qualquer que fosse a atividade realizada por elas seria considerada um não-trabalho. Surge aí a divisão entre a produção e a reprodução do trabalho.

Ao debruçar-se sobre *A Privatização da terra na Europa, a produção de escassez e a separação entre produção e reprodução*, Silvia Federici (2017) argumenta que as mulheres, ao estarem trancafiadas em casa, eram responsáveis pela criação e cuidados de seus filhos e filhas, pela organização da casa, pela reprodução social da vida. O fato de nenhuma atividade exercida por uma mulher ser considerada como trabalho fez com que quaisquer trabalhos realizados por mulheres fossem considerados como naturais e disponíveis, características inerentes à mulher. Mesmo quando o trabalho da reprodução social era exercido fora de casa, ele era considerado um não-trabalho:

No novo regime monetário, somente a produção para o mercado estava definida como atividade criadora de valor, enquanto a reprodução do trabalhador começou a ser considerada como algo sem valor do ponto de vista econômico e, inclusive, deixou de ser considerada um trabalho. O

trabalho reprodutivo continuou sendo pago – embora em valores inferiores – quando era realizado para os senhores ou fora do lar. No entanto, a importância econômica da reprodução da força de trabalho realizada no âmbito doméstico e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, sendo mistificada como uma vocação natural e sendo designada como “trabalho de mulheres”. Além disso, as mulheres foram excluídas de muitas ocupações assalariadas, e, quando trabalhavam em troca de pagamento, ganhavam uma miséria em comparação com o salário masculino médio. (FEDERICI, 2017, p. 145)

Todo esse processo foi ativamente acompanhado e apoiado pelo Estado, que além de se beneficiar por conseguir acalmar os artesãos e rebeldes que se revoltavam com a possibilidade de mulheres exercerem o mesmo trabalho e ocuparem a vida pública assim como eles, tinha em mente que essa exclusão das mulheres forneceria “as bases necessárias para sua fixação no trabalho reprodutivo e para sua utilização com trabalho mal remunerado na indústria artesanal doméstica” (FEDERI, 2017, p. 190).

Essas mudanças históricas – que chegaram ao auge no século XIX, com a criação da figura da dona de casa em tempo integral – redefiniram a posição das mulheres na sociedade e com relação aos homens. A divisão sexual do trabalho que emergiu daí não apenas sujeitou as mulheres ao trabalho reprodutivo, mas também aumentou sua dependência em relação aos homens, permitindo que o Estado e os empregadores usassem o salário masculino como instrumento para comandar o trabalho das mulheres. Dessa forma, a separação efetuada entre produção de mercadorias e reprodução da força de trabalho também tornou possível o desenvolvimento de um uso especificamente capitalista do salário e dos mercados como meios para a acumulação de trabalho não-remunerado (FEDERICI, 2017, p. 145-146).

O feminismo marxista, ao se atentar a isso, sugere que para que ocorra uma mudança na maneira em que o trabalho feminino é visto na sociedade é preciso modificar drasticamente as estruturas da sociedade capitalista. Como aponta Tithi Bhattacharya (2013), perceber a divisão entre as esferas da produção e reprodução

nos ajuda a entender que quaisquer ganhos nos direitos de gênero que tenhamos, tanto na economia formal quanto fora dela, só podem ser temporários, porque a base material da opressão às mulheres está amarrada ao sistema como um todo. Qualquer conversa sobre o fim da opressão e sobre a libertação, então, precisa lançar mão de uma conversa simultânea sobre o fim do sistema em si (BHATTACHARYA, 2013, p. 104)

É necessário, pois, pensar um movimento que aborde tanto a opressão de gênero quanto a de classe pois é um dado histórico que a subjugação da mulher é construída, fortalecida e institucionalizada pelo capitalismo. Este sistema, que tem como sua base a desigualdade de classes, criou o "patriarcado do salário" e este forneceu as condições históricas necessárias para transformar as mulheres em seres dependentes que se tornam

responsáveis pelo trabalho não remunerado, não reconhecido, o trabalho da reprodução social.

Tal política, que impossibilitava que as mulheres tivessem seu próprio dinheiro, criou as condições materiais para sua sujeição aos homens e para a apropriação de seu trabalho por parte dos trabalhadores homens. É nesse sentido que eu falo do patriarcado do salário. Também devemos repensar o conceito de ‘escravidão do salário’. Se é certo que os trabalhadores homens, sob o novo regime de trabalho assalariado, passaram a ser livres apenas num sentido formal, o grupo de trabalhadores que, na transição para o capitalismo, mais se aproximaram da condição de escravos foram as mulheres trabalhadoras. (FEDERICI, 2017, p.195)

É, então, também por meio da luta de classes que as mulheres se libertarão. A superação do capitalismo exige um processo de educação política de todos e todas em busca de uma sociedade mais justa. Bhattacharya (2013) ainda afirma que “qualquer discussão sobre salário ou sobre o local de trabalho, sobre organização no trabalho ou sobre lutar por benefícios é uma questão altamente definida pelo gênero” (p. 105) e, por isso, “as melhores políticas para promover os interesses da maioria das mulheres são também as mesmas políticas que cortam os lucros do capitalismo como sistema de produção.” (p. 107)

O feminismo marxista, portanto, entende que o capitalismo estabelece a reprodução social como um dom divino e natural das mulheres com um propósito bem definido: fazer com que essas atividades permaneçam consideradas como não produtivas, como não-trabalho. Consequentemente, as mulheres são obrigadas a trabalharem eternamente, fornecendo a criação de força de trabalho, base de sustentação do sistema, sem que ele tenha que se responsabilizar por isso. Oprimir as mulheres é lucrativo para o capital e, tendo em vista que o lucro é o seu principal objetivo, ele fará de tudo para perpetuar essa condição.

3. METODOLOGIA

Segundo Löwy (2011), O conceito *Wahlverwandschaft*, originado na alquimia, é entendido como afinidade ou “a força em virtude da qual duas substâncias diversas ‘se procuram, unem-se e se encontram’ em um tipo de casamento” (LÖWY, 2011, p. 130), é usado para explicar a fusão e atração entre corpos e aqui será utilizado como metodologia de análise, a fim de investigar as aproximações entre o marxismo de Rosa Luxemburgo e o feminismo marxista. Para isto, entretanto, é preciso discorrer sobre os desdobramentos do conceito.

Löwy (2011) aponta que este foi adaptado da literatura romântica pelo alemão J. W. Goethe, ganhando uma nova conotação, ao tornar-se uma “metáfora para designar o movimento passional pelo qual um homem e uma mulher são atraídos um pelo outro – ainda que isso signifique a separação de seus companheiros anteriores – a partir da afinidade íntima entre suas almas” (p. 130).

É com Max Weber que o termo ganha sua terceira significação, agora no âmbito sociológico. Usado como metodologia em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o que se visava era analisar como duas configurações diferentes entre si (ética religiosa e comportamento econômico) eram análogas e convergentes em alguns aspectos, sendo capazes de se conectar interiormente, influenciando o contexto de desenvolvimento de um corpo mútuo (capitalismo).

Michael Löwy (2011) entende que o conceito é pouco difundido, até mesmo pelo fato de que Weber utiliza o conceito apenas três vezes em seu livro e não se esforça na elaboração de uma definição concreta. Apesar disso, o autor, com o objetivo de explorar dimensões de afinidade eletiva, exemplifica a transmutação do conceito do método sociológico para a explicação da “existência de elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico”:

Face ao extraordinário emaranhado de influências recíprocas entre os substratos materiais, as formas de organização social e política e o conteúdo intelectual das épocas culturais da Reforma, a única maneira de proceder é examinar de perto se, e em quais pontos, podemos reconhecer as “afinidades eletivas” (*Wahlverwandschaften*) entre certas formas de fé religiosa e certas formas de ética profissional. Por esse meio, e de uma vez só, serão precisados, na medida do possível, o modo e a direção geral do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material (LÖWY, 2011, p. 131)

Löwy (2011) atribui ao termo afinidade eletiva as seguintes dimensões: interna ao campo religioso; interna ao campo econômico; interna ao campo cultural; entre formas estruturais da ação comunitária e formas concretas da economia; ética religiosa e *ethos* econômico; formas religiosas e formas políticas; estruturas econômicas e formas políticas; classes sociais e ordens religiosas; visões de mundo e interesses de classes; e estilos de vida de uma classe social e certos estilos de vida religiosos.

Aqui, nos interessa procurar essa relação de afinidade eletiva entre o marxismo de Rosa Luxemburgo e o feminismo. Perceber quais são as convergências e adaptações entre os dois, procurar se existem princípios que exerçam influência de um sobre o outro e relatar fatores internos e externos entre eles que possibilitem essa aproximação.

É, então, sobre essas relações que dependem de um grau de adequação com especificidades de contexto histórico para se concretizarem, que quero tratar aqui. Sobre a percepção de que elementos comuns a diferentes agentes históricos (tempo, natureza, sistema, humano, etc) podem surgir em uma relação de afinidade eletiva, gerando influência uns nos outros, contribuindo para a possibilidade dessa existência concreta com uma construção mútua, em que distintas perspectivas teóricas “...se adaptam ou se assimilam reciprocamente (*aneinander anzugleichen trachten*), até que, ‘finalmente, o desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade se instaura’” (p. 137).

A noção de afinidades eletivas será explorada através de uma pesquisa documental, que tem como objetivo compreender a teoria política de Rosa Luxemburgo, considerando possíveis afinidades eletivas entre marxismo e feminismo. Serão apresentadas cartas, escritos da autora e sobre ela, experiências relatadas e publicações em revistas. Imagens históricas, pinturas e desenhos também serão utilizadas no decorrer do texto com o intuito de dar suporte e contexto ao argumento. Documentos, de forma geral, serão apropriados aqui em prol da compreensão e demonstração de traços que associem a influência da autora na construção de um marxismo mais democrático e libertário que, conseqüentemente, refletiria também na consolidação do feminismo marxista.

A partir do exposto, proponho-me a investigar se entre Rosa Luxemburgo e o feminismo marxista há uma “atração recíproca, a escolha ativa e mútua de duas configurações socioculturais, conduzindo a certas formas de interação, de estimulação recíproca e de convergência” (LÖWY, 2011, p. 139).

No próximo capítulo me ocupo da análise dos elementos encontrados que permitem fazer essa aproximação. Os textos selecionados para análise foram *A Tactical Question*, *Address to the International Socialist Women's Conference*, *Women's Suffrage and Class Struggle* e *The Proletarian Woman*. Tal escolha se baseou no critério de que esses são os escritos de Luxemburgo voltados a questão das mulheres dentro do movimento socialista e possibilitam, portanto, relacionar os posicionamentos da autora a princípios feministas. Ainda que uma resposta mais consistente ao problema de pesquisa proposto devesse considerar uma análise da totalidade da obra de Luxemburgo, considereirei que a pesquisa poderia ser um ponto de partida interessante.

4. AFINIDADES ELETIVAS ENTRE FEMINISMO E MARXISMO EM ROSA LUXEMBURGO

Ao introduzir um pouco da história de Luxemburgo e contextualizar o feminismo marxista, com a apresentação de suas pautas centrais, torna-se uma tarefa menos árdua procurar as afinidades eletivas entre ambos nos documentos escritos por e sobre a autora. Como já mencionado, além das cartas, artigos, livros; do material em geral usado nesta pesquisa documental, são nos principais textos selecionados da obra *The Rosa Luxemburgo Reader* (2004), organizada por Peter Hudis e Kevin B. Anderson, que se encontram os elementos que permitem aproximar a teoria e prática de Luxemburgo, como um símbolo feminista. *A Tactical Question; Address to the International Socialist Women's Conference; Women's Suffrage and Class Struggle* e *The Proletarian Woman* serão individualmente explorados no intuito de demonstrar as particularidades de cada artigo e as afinidades eletivas neles presentes.



Figura 9. Rosa Luxemburgo em 1907, ano em que começou a lecionar na escola de quadros do SPD.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

4.1. A Tactical Question (1889)

Em seu artigo *Uma Questão Tática* publicado em julho de 1899, Rosa Luxemburgo faz uma análise do contexto da *Belgian [Social Democratic] Workers' Party*, uma festa com o intuito de reunir social-democratas e liberais para discutirem em uma conferência as pautas e objetivos conjuntos, sendo o sufrágio feminino uma delas, que serviria de exemplo de uma relação bem sucedida e “ocasionalmente necessário e politicamente inofensivo”⁷ (HUDIS; ANDERSON, 2004, p. 233). O que, porém, de fato, ocorre é que mesmo depois de acordos terem sido feitos, um deles é particularmente atacado.

Os liberais estão dispensando o sistema de votação plural e aceitarão o sufrágio universal (um homem, um voto). Em troca, a Social-democracia terá que aceitar o sistema de voto proporcional como um método de votação constitucionalmente válido e dispensará a demanda do direito ao voto às mulheres e os métodos revolucionários na luta pelo direito de voto. (p. 233)⁸

O que se propunha ali era um acordo que incluía negar o voto para mulheres, grupo que já participava ativamente da vida pública e política, trabalhava e ocupava espaços como agentes políticos. Rosa Luxemburgo não via sentido em negar o direito ao sufrágio feminino, já que elas [as mulheres] deveriam gozar do mesmo direito que homens. Ela relata que os liberais haviam ameaçado romper a aliança caso os social-democratas se manifestassem a favor do direito das mulheres ao voto. Em extrema revolta, a autora argumenta que o direito das mulheres ao voto já havia sido elaborado em forma de consenso em 1895 pelos representantes dos trabalhadores no parlamento (p. 235). E muito além disso, para ela, “[...] a garantia da vitória não se baseia no apoio a prefeitos e senadores liberais hesitantes, mas na prontidão do combate das massas proletárias, não no parlamento, mas sim nas ruas.”⁹ (p. 234).

Como sempre, a autora se preocupava em aproximar suas ações ao seu pensamento, portanto, a resposta para os membros presentes naquela festa que tentavam

⁷ “Occasionally necessary and politically harmless” (p. 233)

⁸ The Liberals are dispensing with the plural voting system and will accept universal, equal suffrage (one man, one vote). In exchange, Social Democracy shall accept the proportional voting system as a constitutionally valid voting method and will dispense with the demand for women's right to vote and with revolutionary methods in the struggle for voting rights. (p. 233)⁸

⁹ “[...] the secure guarantee of victory, lies not in supporting doddering liberal mayors and senators, but in the combat readiness of the proletarian masses, not in parliament, but on the streets.”⁹

negar às mulheres o sufrágio, era através do convite à indignação conjunta das massas. Para ela, estava claro, essa decisão não passava de uma questão tática.

Esse drama surpreendente mostra a lógica dos social-democratas belgas contra o sufrágio feminino. São exatamente esses mesmos argumentos usados pelo czarismo russo, os mesmos argumentos usados anteriormente pela doutrina alemã do direito divino para justificar a injustiça política: "O público não é maduro o suficiente para exercer o direito de voto". Como se houvesse alguma outra escola de maturidade política para os membros do público, além do simples exercício desses direitos!¹⁰ (p. 235)



Figura 10. Em março de 1906, Rosa Luxemburgo é presa em Varsóvia. Ameaça de execução, reconquista a liberdade após o SPD (Partido Social-democrata da Alemanha) pagar a fiança.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

O argumento de que as mulheres não possuíam maturidade o suficiente para exercer seu direito ao voto deixava Luxemburgo estarrecida, primeiro pelo fato de que as mulheres já estavam presentes e eram extremamente ativas na vida política, eram

¹⁰ "This surprising drama displays the Belgian Social Democrats' rationale against women's suffrage. These are the exact same arguments used by Russian Tsarism, the same arguments formerly used by the German doctrine of divine right in order to justify political injustice: "The public is not mature enough to exercise the right to vote." As if there were some other school of political maturity for members of the public than simply exercising these rights themselves!¹⁰" (p. 235)

protagonistas em diversas das campanhas efetuadas em prol do partido, por exemplo, e secundamente, porque mesmo que elas não tivessem “o grau de maturidade necessário”, era através da inserção na vida política e com a participação no processo revolucionário que desenvolveriam essa capacidade.

Como se a classe masculina trabalhadora não tivesse também aprendido a usar gradualmente a cédula como uma arma para defender os interesses da própria classe e ainda precisassem aprender isto! Pelo contrário, todo indivíduo de pensamento claro deve antecipar, mais cedo ou mais tarde, nada menos que uma poderosa ascensão do movimento operário com a inclusão de mulheres proletárias na vida política..¹¹ (p. 236)

O âmbito da *experiência* na obra de Luxemburgo é essencial. Todas as faculdades do ser humano são moldadas e contextualizadas pela experiência, é ela grande parte responsável pela formação da consciência de classe. Além do despertar da consciência de classe que as mulheres adquiriram ao entrar na vida política, elas também dariam força ao movimento socialista. Para Luxemburgo, a adição do movimento das mulheres ao turbilhão da vida política fortaleceria o movimento, pois juntamente com sua força numerosa, com elas também viria toda a revolta que por muito tempo fora mascarada:

Esta perspectiva não apenas abre um enorme campo para agitação do trabalho da Social-democracia. Também em sua vida política e social, um vento forte e fresco soprava com a emancipação política das mulheres, o que limparia o ar sufocante da atual vida familiar filistina que se irradia de maneira tão inconfundível, até mesmo para os membros do nosso Partido, trabalhadores e líderes..¹² (p. 236)

Para além de defender o sufrágio feminino, Rosa Luxemburgo frisava principalmente a importância do voto para as mulheres trabalhadoras. Um vão enorme reside entre as condições de vida de uma mulher trabalhadora e uma mulher de classe alta; a diferença de classe entre as mulheres deveria ser levada em conta. As mulheres da burguesia tinham desvantagem em relação aos homens da burguesia pois deles dependiam financeiramente, mas essas mesmas mulheres ainda usufruíam de uma

¹¹ “As if the male working class had also not already learned to gradually use the ballot as a weapon to defend its class interests and must still learn this! To the contrary, every clear-thinking individual must anticipate, sooner or later, nothing less than a powerful upswing for the workers' movement with the inclusion of proletarian women in political life” (p.236)

¹² This perspective not only opens up an enormous new field for the agitational work of Social Democracy. In its political and social life as well, a strong, fresh wind would blow in with the political emancipation of women, which would clear out the suffocating air of the current, philistine family life that rubs itself off so unmistakably, even on our Party members, workers and leaders alike (p.236)

posição mais favorável que a imensa classe de mulheres trabalhadoras, tendo em vista toda a desvalorização que o trabalho feminino sofreu com a construção do sistema capitalista (FEDERICI, 2017).

MacKinnon (2016) ainda aponta que, com o reconhecimento da presença da mulher na esfera pública. “as mulheres tornam-se tão livres quanto os homens para trabalhar fora de casa enquanto o homem permanece livre do trabalho em seu interior.” (p. 811). Dessa dimensão o feminismo marxista elabora sua teoria da reprodução social, de modo a afirmar que a inserção no mercado de trabalho foi um enorme avanço, mas ela apenas possibilitou que agora a mulher fosse subordinada à dupla/tripla jornada de trabalho.

Nesse sentido, o argumento de Luxemburgo apresenta uma afinidade eletiva em relação ao feminismo marxista, que, nessa época, discordava e acusava o movimento das sufragistas de não ser um movimento de liberação de todas as mulheres, já que se constituía por mulheres brancas de classe média-alta e da burguesia, ignorando as outras diversas opressões que atravessam os sujeitos. Justifica-se que não basta apenas reconhecer que há opressão entre homens e mulheres, aliado ao conhecimento da opressão de classe, é preciso enfatizar que as mulheres trabalhadoras são as mais subjugadas, controladas e afetadas negativamente pelo sistema, mas que também já estão organizadas.

Além disso, as lutas contra a opressão de gênero são companheiras das lutas contra a opressão de classe. As mulheres trabalhadoras estavam envolvidas na vida pública tanto em razão de reivindicar seu direito ao voto e à participação política¹³, quanto de se inserir como sujeito político mulher, agente ativa, dotado de razão, autonomia e consciência de classe.

Partindo desse pressuposto, é possível encontrar na obra de Rosa Luxemburgo elementos que vão ao encontro do que prega o feminismo marxista. Ao ler este primeiro artigo, percebe-se a convergência entre o foco de Luxemburgo nas massas para uma libertação geral e o movimento feminista que depende do despertar de uma consciência

¹³ Em *Women's suffrage and class struggle*, Luxemburgo expõe mais sobre mulher e participação política.

de classe e consciência da situação concreta das mulheres para que medidas possam ser tomadas em busca da superação dessas opressões. Convergem também no fato de que para a libertação de fato ocorrer é preciso uma mudança radical, uma quebra estrutural que superará o capitalismo.

Apesar disto, Rosa Luxemburgo não se aprofunda na questão tanto quanto o feminismo marxista. Ela acreditava que a condição de mulher proletária a igualava de alguma forma ao homem proletário, ambos explorados pela burguesia e, portanto, lutariam por uma causa comum. MacKinnon (2016), porém, argumenta que “as feministas não defendem que, para as mulheres, significa a mesma coisa estar no degrau mais baixo de um regime feudal, capitalista ou socialista; o ponto em comum apontado é que, apesar de mudanças reais, o nível mais baixo é o nível mais baixo.” (p. 811). Neste âmbito, Rosa Luxemburgo não entra.

Apesar disto, ao analisar esse progresso mútuo e mobilizar ao que Löwy (2001) elucida como um dos conceitos de afinidade eletiva: “a articulação, combinação ou união entre as partes, podendo resultar em algum tipo de ‘simbiose cultural’, em que as duas figuras, ainda que permanecendo distintas, estão organicamente associadas” (p. 139), suponho que ao elaborar uma análise de conjuntura que revela que, em uma via de mão dupla, o socialismo precisa das mulheres para fazer a revolução, tanto quanto as mulheres precisam do socialismo para a superação das estruturas impostas pelo sistema capitalista e sua consequente libertação é possível apontar uma aproximação entre feminismo e marxismo.

4.2. Address to The International Socialist Women’s Conference (1907)

Address to The International Socialist Women’s Conference é o segundo dos *Writings on Women’s*¹⁴ do livro *The Rosa Luxemburgo Reader* e foi escrito em 1907, onde a autora, por ser a única membro do sexo feminino da organização, se responsabiliza por abordar a questão das mulheres. Nele, ela descreve que havia, de fato, um interesse de filiação do Movimento das Mulheres à Segunda Internacional e

¹⁴ Escritos sobre mulheres.

que isso era de extrema importância, mas que o modo pelo qual estava sendo proposta a filiação deveria ser repensado. O processo para que essa aliança ocorresse seria a mudança de sede do Movimento das Mulheres para a Segunda Internacional, em Bruxelas. Tendo isso em vista, Rosa Luxemburgo argumenta que:

Hoje, nós temos pouco mais que reuniões periódicas dos representantes dos diversos países em Bruxelas, que são sempre muito desagradáveis deveres para esses representantes. Porque, toda vez, nós temos a sensação de que não podemos realizar nem um centésimo das tarefas reais deste departamento. (p. 237)¹⁵

Ela se preocupa em demonstrar que deslocar o Movimento de Mulheres para Bruxelas, juntamente com o movimento socialista, não apontava para nenhum outro caminho, senão para sua constante exclusão. As diversas demandas socialistas que já eram ignoradas, continuariam a ser jogadas para segundo plano e isso não seria diferente com a pauta das mulheres. Como a própria história demonstra, se importariam ainda menos com a presença das mulheres.

Ao contrário de promover uma expansão das pautas socialistas, Luxemburgo entendia que essa mudança só o faria ser cada vez mais inviabilizado pelo resto dos países que se encontravam em grandes reuniões nacionais para discutir diversas outras demandas e não se preocupavam em garantir a presença dos camaradas do movimento socialista. Ela afirma que “[...] somente quando tivermos sorte e nos tornamos um centro de autoridade moral, que é capaz de despertar interesse o suficiente dentro dos países filiados, teremos um centro mais viável e ativo para o movimento socialista.”¹⁶ (p. 237) e para que isto ocorresse, ela propõe que “primeiramente, se mudarmos para a Alemanha; segundo, para Stuttgart; e terceiro para o escritório editorial de *Gleichheit*” (p. 237)¹⁷.

¹⁵ Today, we have little more than periodic gatherings of representatives from various countries in Brussels, which are always a very unpleasant duty for these representatives. Because each time, we have the feeling that we cannot accomplish even one-hundredth of the real tasks of the Bureau. (p.237)

¹⁶[...] only when we are fortunate and become a center of moral authority, which is capable of awakening sufficient interest within the affiliated countries, will we have a more viable and more active center for the socialist movement (p.237)

¹⁷ " Firstly, if we relocated to Germany; secondly, to Stuttgart; and thirdly into the editorial office of *Gleichheit*" (p. 237)

Para autora “o desejo de deslocar o departamento do movimento das mulheres trabalhadoras para Bruxelas apenas demonstra o desconhecimento de toda a situação.”¹⁸ (p. 237) e, por isso, dependiam dos(as) camaradas que conheciam melhor a situação, orientavam-se por consciência de classe e eram responsáveis por não aceitar esse veto e ressurgir a pauta, contando com o apoio de Clara Zetkin, em quem Luxemburgo tinha total confiança e atribuía o papel da mobilização das massas.



Figura 11. Rosa Luxemburgo discursando em Stuttgart, em 1907.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

4.3. Women’s suffrage and class struggle (1912)

Sufrágio Feminino e luta de classes é introduzido com duas perguntas: " Por que não existem na Alemanha associações de mulheres trabalhadoras? Por que ouvimos tão pouco sobre o movimento de mulheres trabalhadoras?"¹⁹ (p. 237). O que a autora

¹⁸ “The wish to relocate the International Socialist Women's Bureau to Brussels can only emanate from an ignorance of the situation” (p. 237)

¹⁹ “Why are there no organizations for working women in Germany? Why do we hear so little about the working women's movement?” (p. 237)

pretende com essas perguntas é estimular indignação pelo fato de que as mulheres já estavam presentes na vida política. O movimento organizado de mulheres passava por um despertar político e crescia, felizmente. As mulheres trabalhadoras se engajavam em lutas políticas e parlamentares, mesmo sendo privadas desse direito. Já possuíam o direito de se reunir em assembleias, já estavam envolvidas no turbilhão da vida política e, apesar disso, ainda eram acusadas de imaturas, tinham que se sustentar pelo voto masculino.

Antigamente, nos bonitos tempos do absolutismo anterior à 1848, era costumeiro dizer sobre todo o povo trabalhador, que este “ainda não seria maduro” para exercer direitos políticos. Hoje isso não pode ser dito sobre as mulheres proletárias, já que estas já comprovaram sua maturidade para o exercício de direitos políticos. Obviamente todos sabem, que sem elas, sem a ajuda das proletárias, a Social-democracia nunca teria conquistado sua vitória brilhosa no dia 12 de janeiro, que conquistaram 4,25 milhões de votos²⁰ (p. 239)

Rosa Luxemburgo, paralelamente ao feminismo marxista, bradava que o Estado não seria capaz de se sustentar por muito tempo e que, ele era incapaz de deter o movimento de mulheres que já se ocupavam dos mais diversos espaços e que cada vez mais se jogavam na luta de classes como meio da superação das opressões de classe e gênero.

Graças ao aproveitamento do direito à organização e reunião, as mulheres proletárias atuavam na parte mais viva da vida parlamentar, que se conquista na disputa eleitoral. E agora é apenas uma continuidade inquestionável, somente o resultado lógico do movimento, que hoje: Exigimos o voto feminino!²¹ (p. 239)

O movimento das sufragistas²², assim como o movimento de mulheres trabalhadoras, reivindicava também o voto feminino. A diferença entre eles reside em que para Luxemburgo, aliada às mulheres trabalhadoras, a conquista da universalização

²⁰ “Once upon a time, in the beautiful era of pre-1848 absolutism, the whole working class was said not to be “mature enough” to exercise political rights. This cannot be said about proletarian women today, because they have demonstrated their political maturity. Everybody knows that without them, without the enthusiastic help of proletarian women, the Social Democratic Party would not have won the glorious victory of January 12 [1912], would not have obtained four and a quarter million votes.”

²¹ “The irresistible progress of the proletarian class struggle has swept working women right into the whirlpool of political life. Using their right of union and assembly, proletarian women have taken a most active part in parliamentary life and in election campaigns. It is only the inevitable consequence, only the logical result of the movement that today millions of proletarian women call defiantly and with self-confidence: Let us have suffrage!” (p.239)

²² O movimento das sufragistas é parte da primeira onda do feminismo, que ocupa-se em questionar a ordem da dominação masculina, mas ainda não aprofundava no conceito de pluralidade, no que diz respeito às situações diversas que viviam as distintas mulheres.

sufrágio não era o fim da luta política. Enquanto o primeiro pretendia basicamente a inserção da mulher no sistema, o segundo entendia a transformação total como a solução.

Ao abordar a questão das mulheres, a autora dá ênfase às trabalhadoras; mas em relação a sua posição sobre as mulheres burguesas, ela se demonstra mais rígida, pois afirma que “a mulher burguesa não tinha interesse real em perseguir direitos políticos porque não exercia qualquer função econômica na sociedade e gozava dos ‘frutos prontos para o consumo da classe dominante’” (MCCANN, 2019, p. 54). Mesmo que em desvantagem em relação aos homens, a mulher burguesa teria privilégios se comparada à mulher trabalhadora, que se desdobra tanto na manutenção da própria casa, dos filhos e marido, quanto no trabalho fora dela, ou seja, se ocupa tanto da reprodução social, quanto do trabalho reconhecido como produtivo pelo Estado.

MacKinnon (2016) argumenta que, de fato, Luxemburgo “subliminarmente reconhece que as mulheres extraem sua posição de classe e respectivos privilégios e restrições de sua associação com homens.” (p. 809) e isso já a direciona a um dos princípios do feminismo marxista, o reconhecimento de que há diferença nas condições de vida das mulheres. Entretanto ela “adverte que a mulher burguesa de sua época é ‘parasita de um parasita’, mas falha em considerar o que tem em comum com a mulher proletária, que é escrava de um escravo.” (p.809). Ao elaborar e convocar a greve das massas como uma luta conjunta do proletariado, Rosa Luxemburgo não investe em um método de ação que reconheça a diferença da luta de homens e mulheres.

O conceito-chave do feminismo marxista do trabalho não-reconhecido e o trabalho historicamente desvalorizado, moldado para facilitar a fixidez do corpo e do papel feminino comentado por Federici (2017), também não é tão abordado como parte da luta do proletariado de Luxemburgo.

Rosa Luxemburgo não dedicou seus estudos ao conceito de reprodução social, mas neste artigo, especificamente, *Women's suffrage and class struggle*, ela elabora algumas passagens que se aproximam da construção do conceito e da separação do que se entende como trabalho reprodutivo e trabalho produtivo.

Como produtivo vale, enquanto durar o domínio do capital e o trabalho assalariado, só o trabalho que produz mais valia, que produz lucro capitalista. Deste ponto de vista, a bailarina do espetáculo secundário, que com seu negócio e suas pernas consegue um lucro para os bolsos, é uma trabalhadora produtiva, enquanto toda a labuta das mulheres e mães do proletariado entre as quatro paredes de sua casa é considerada atividade improdutivo. Isso soa bruto e insano, mas corresponde exatamente à brutalidade e à loucura da ordem econômica capitalista de hoje, e compreender esta realidade crua claramente e afiadamente é a primeira necessidade para as mulheres proletárias.²³ (p. 241)

Ao fazer a defesa das mulheres trabalhadoras inseridas na vida pública, a autora defende a importância da tomada de consciência sobre a exploração da mulher diante da organização capitalista e comenta:

Não no sentido de que estas ajudam os homens com o trabalho doméstico, com o parco salário para garantir a existência diária da família e a criação dos filhos. Este trabalho não é produtivo no sentido da organização econômica capitalista atual, apesar dos milhares de pequenos esforços que somam um enorme desempenho de sacrifício próprio e esforço. Mas é apenas um assunto privado do proletariado, sua sorte e bênção, e justamente por isso puro ar para a sociedade atual²⁴ (p. 241)

Apesar de poder ser considerada como um grande avanço, a percepção da divisão entre o trabalho dado como produtivo e o trabalho da reprodução social desenvolvida por Rosa Luxemburgo é pouco explorada e, por isso, mesmo que ela reconheça essa divisão como cruel e estabelecida pelas diferenças de sexo, logo a autora organiza a questão como um problema da esfera da vida privada. A sua atenção ainda é voltada majoritariamente a esfera pública, a da produção. Diferentemente, por exemplo, do feminismo radical da época que tinha como *slogan* “o pessoal é político!”, pois entendia-se que no âmbito da vida privada ocorrem também diversos tipos de opressão.

²³ As long as capitalism and the wage system rule, only that kind of work is considered productive which produces surplus value, which creates capitalist profit. From this point of view, the music-hall dancer whose legs sweep profit into her employer's pocket is a productive worker, where as all the toil of the proletarian women and mothers in the four walls of their homes is considered unproductive. This sounds brutal and insane, but corresponds exactly to the brutality and insanity of our present capitalist economy. And seeing this brutal reality clearly and sharply is the proletarian woman's first task” (p.239)

²⁴ “By this I do not mean their bringing up children or their housework which helps men support their families on scanty wages. This kind of work is not productive in the sense of the present capitalist economy no matter how enormous an achievement the sacrifices and energy spent, the thousand little efforts add up to. This is but the private affair of the worker, his happiness and blessing, and for this reason nonexistent for our present society” (p.241)

Não era suficiente focar na questão pública, se a estrutura patriarcal de família e sexualidade reafirma a posição subordinada das mulheres na sociedade.

Muito além de apenas frisar que as mulheres já se encontravam em meio à vida política, ela abordava principalmente o trabalho produtivo em conjunto de homens e mulheres, todos e todas juntos pelo objetivo central: a revolução. Assim como o feminismo marxista, Rosa Luxemburgo acreditava na importância da libertação das mulheres, mas como marxista, ela acreditava que esse processo se daria através da luta de classes. E por isso, aqui a marxista prevalece sobre a feminista.

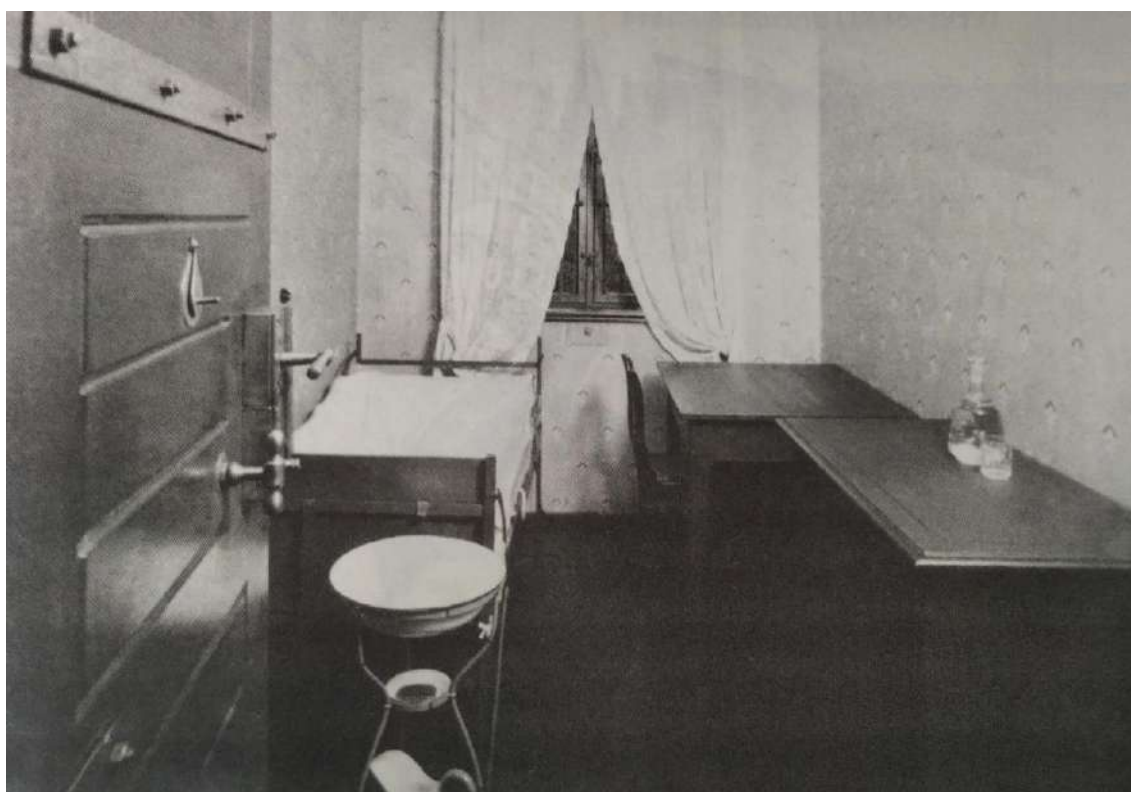


Figura 12. Liberta, Luxemburgo participou de novas manifestações contra a guerra e foi presa 'preventivamente' em julho de 1916. Acima, foto da cela do presídio de Wronke, de onde Luxemburgo redigiu textos de apoio às revoluções de fevereiro e outubro na Rússia.
(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

Ao observar as posições políticas de Rosa Luxemburgo e o processo de consolidação do feminismo marxista e ao entender que as condições históricas podem favorecer ou não o crescimento conjunto de agentes/movimentos políticos, insiro aqui a

percepção de que ambos compartilham de afinidades eletivas que possibilitaram a influência de um sobre o outro, tanto quanto o processo de uma construção mútua.

4.4. The Proletarian Woman (1914)

Löwy (2011), quando cita as afinidades eletivas elaboradas em *a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* entre os estilos de vida de uma classe social e certos estilos de vida religiosos, retrata a conexão elaborada por Weber (2013) entre o *puritanismo ascético e as classes médias*. Ouso aqui tentar transformar essa afinidade eletiva em uma conexão entre estilos de vida de uma classe social e estilos de vida de movimentos políticos, correlacionando, assim, as mulheres trabalhadoras à teorização de Rosa Luxemburgo sobre a questão da mulher, tentando identificar se há uma “articulação, combinação ou união entre as partes, podendo resultar em algum tipo de “simbiose cultural”, em que as duas figuras, ainda que permanecendo distintas, estão organicamente associadas” (p. 136).

A mulher proletária é um escrito de 1914 no qual Rosa Luxemburgo aborda, como o próprio nome indica, a questão específica da mulher trabalhadora. O cenário político da Alemanha contribuía para a explosão de manifestações, pois era um dos lugares onde o movimento socialista estava em seu ápice. As mulheres estavam inseridas neste contexto, como aponta Luxemburgo: “Hoje, a moderna proletária assalariada aparece no palco público como pioneira da classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, do gênero feminino, a primeira pioneira em séculos”²⁵ (p. 243). Elas contavam com o apoio do proletariado como um todo para a luta por equidade. A reivindicação se tratava muito mais do que a possibilidade de inserção da mulher no processo político; o que de fato se reivindicava ali era o reconhecimento de que as mulheres já participavam ativamente da vida política.

A mulher do povo teve de trabalhar pesado desde sempre. Na horda bárbara ela carrega o peso, coleta alimentos; no povoado primitivo, planta e mói o cereal, faz panelas; na Antiguidade, como escrava, serve os senhores e

²⁵ "Today, the modern female wage-earning proletarian appears on the public stage as a female pioneer of the working class and, at the same time, of the female gender, the first female pioneer in centuries." (p. 243)

amamenta os rebentos; na Idade Média, fiava para o senhor feudal. Mas, desde que existe a propriedade privada, na maioria das vezes a mulher do povo trabalha separada da grande oficina na produção social, ou seja, separada também da cultura, encurralada na estreiteza doméstica de uma pobre existência familiar. (p. 243)²⁶

Para além do reconhecimento do papel ativo da mulher no âmbito da vida pública e da produção, Luxemburgo aqui também se atenta a separação entre produção e reprodução, que como aponta Federici (2017) essa divisão

criou uma classe de mulheres proletárias que estavam despossuídas como os homens, mas, diferentemente de seus análogos masculinos, quase não tinham acesso aos salários, numa sociedade que estava cada vez mais monetizada, sendo forçadas à condição de pobreza crônica, à dependência econômica e à invisibilidade como trabalhadoras. (p. 146)

Ao escrever nos anos 10 sobre essa divisão, identifiquei uma influência de Rosa Luxemburgo na consolidação da teoria da reprodução social, tema central do feminismo marxista. Ao frisar que “para a burguesa dona de propriedades, sua casa é o mundo. Para a mulher proletária, o mundo inteiro é sua casa, o mundo com sua tristeza e alegria, com sua crueldade fria e seu tamanho bruto” (p. 243)²⁷, a autora não apenas se afasta do feminismo das sufragistas, mas se aproxima fortemente da construção do feminismo voltado às mulheres trabalhadoras, reconhecendo tanto seu papel na esfera da produção, diferenciando, mesmo que de modo superficial, os papéis de homens e mulheres, como também percebe que entre as próprias mulheres é possível estar em posições diferentes de privilégios. Ela ainda acrescenta:

A proletária precisa de direitos políticos, pois exerce a mesma função econômica que o proletário masculino na sociedade, se sacrifica igualmente para o capital, mantém igualmente o Estado, e igualmente sugada e subjugada por ele. Ela tem os mesmos interesses e, precisa, para sua defesa, das mesmas armas. Suas reivindicações políticas estão profundamente enraizadas no abismo social que separa a classe dos explorados da classe dos exploradores;

²⁶ “The woman of the people has always worked hard. In the savage horde, she carried heavy loads, collected food; in the primitive village, she planted grains and ground them, and she made pottery; in ancient times, as a slave, she served the masters and suckled their offspring at her breast; in the Middle Ages, she labored in the spinning room for the feudal lord. But since the establishment of private property, the woman of the people has, for the most part, worked separately from the great workshop of social production, and therefore also of culture, cooped up in the domestic constriction of a miserable familial existence.” (p.243)

²⁷ “the property-owning bourgeois woman, her house is the world. For the proletarian woman, the whole world is her house, the world with its sorrow and joy, with its cold cruelty and its raw size” (p. 243)

não na oposição entre o homem e a mulher, mas na oposição entre o capital e o trabalho (p. 244)²⁸

Mesmo que autora reconheça que a mulher esteja subordinada à esfera privada, ela acredita que na luta contra os exploradores, homens e mulheres do proletariado lutam de forma conjunta e igual. É importante frisar que ao dizer que Luxemburgo contribuiu para a formação de elementos fundamentais do feminismo marxista, não quer dizer que ela contemple totalmente o contexto atual. O lado marxista da autora fala muitas vezes mais alto que a feminista, como no trecho acima. Entretanto, sabe-se que como toda teoria, é preciso atualizar ao contexto da situação concreta. Isso, porém, não diminui seu papel nessa construção.

Luxemburgo parece compreender que a associação entre classe e gênero coloca as trabalhadoras em situação de desvantagem em relação aos próprios homens trabalhadores. A saída, porém, ainda se daria por meio de uma revolução socialista conjunta do proletariado, pois se a divisão sexual do trabalho é fruto do capitalismo, apenas pelo fim deste, ela poderá ser quebrada. Por fim, em nome do socialismo e do movimento de mulheres, Luxemburgo encerra seu texto convocando as mulheres à revolução.

Proletária, a mais pobre dos pobres, a mais injustiçada dos injustiçados, vá a luta pela libertação do gênero das mulheres e do gênero humano do horror da dominação do capital. A social-democracia concedeu a você um lugar de honra. Corra para o front, para a trincheira! (p. 245)²⁹

Como uma boa marxista, ela dá ênfase à esfera da produção como questão central da divisão sexual do trabalho e da perpetuação do sistema. Isto não quer dizer que ela não perceba de alguma forma a esfera da reprodução social. Quando a autora fala sobre o processo revolucionário, é explícita a sua visão de inclusão da mulher na luta política. Luxemburgo enxerga na proletária uma agente fundamental na luta

²⁸ “The proletarian woman needs political rights because she exercises the same economic function, slaves away for capital in the same way, maintains the state in the same way, and is bled dry and suppressed by it in the same way as the male proletarian. She has the same interests and takes up the same weapons to defend them. Her political demands are rooted deep in the social abyss that separates the class of the exploited from the class of the exploiters, not in the antagonism between man and woman but in the antagonism between capital and labor.” (p.244)

²⁹ “Proletarian women, the poorest of the poor, the most disempowered of the disempowered, hurry to join the struggle for the emancipation of women and of humankind from the horrors of capitalist domination! Social Democracy has assigned to you a place of honor. Hurry to the front lines, into the trenches!” (p. 245)

conjunta pela revolução socialista e, por consequência, a libertação das opressões que configuram ao povo papéis sociais específicos. Adentrar a questão da mulher nas suas obras nos permite encontrar o lado feminista de Luxemburgo.



Figura 13. “Nesta casa, em 1871, nasceu Rosa Luxemburgo, notável militante do movimento operário internacional.”

(Fonte: Caderno de imagens, LOUREIRO, 2018)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rosa Luxemburgo viveu pela revolução. Foi a junção literal de ação e pensamento e por isso fora extremamente atacada por toda sua vida. Sua fé no povo, na libertação e a crença na democracia fez com que enfrentasse inúmeros debates com nomes fortes do socialismo, entre eles Lênin. Mesmo que ameaçada de morte diversas vezes, isso não foi motivo para que ela se desvinculasse da luta. Hesitar nunca foi uma opção. Ao me propor investigar a relação de afinidades eletivas entre a obra da autora e o feminismo, alguns foram os elementos que possibilitaram entender Luxemburgo como uma feminista.

No que se refere às condições históricas, é possível enxergar a convergência e ascensão da luta das mulheres trabalhadoras pelo reconhecimento e inserção na vida política-pública aliada à formação de Rosa Luxemburgo como representação do movimento dessas mulheres. A aliança da Segunda Internacional com o movimento de mulheres proporcionou uma grande aproximação da autora com esta classe, principalmente por estarem localizadas na Alemanha, naquela época ápice do movimento socialista.

Referente à compatibilidade de causas, a obra de Rosa Luxemburgo apresenta afinidade eletiva com o feminismo marxista quando ambos lutam pela questão da mulher, mas adentram o recorte de classe, e assim se afastam de outros tipos de feminismo. A questão da mulher não era pura e simplesmente voltada à igualdade para todas as mulheres. O feminismo se desvincula do movimento das sufragistas, por exemplo, pela mesma razão que Luxemburgo aponta as mulheres burguesas como “parasitas”: mesmo que em desvantagem aos homens burgueses, as burguesas ainda usufruem de uma condição favorável e passível de exploração às outras mulheres.

Além disso, há, talvez a afinidade mais recíproca, entre a produção da autora e o feminismo marxista: conjuntamente as duas perspectivas apontam que a libertação, de fato, ocorrerá através da revolução e pelas mãos das massas. Devido a ambas entenderem que existe uma estrutura que solidifica moldes de relações dentro e fora da família (também uma instituição), não há outra saída senão a quebra total desse perpetuador de opressão que é o capitalismo.

Portanto, é um pressuposto da teoria de Rosa Luxemburgo e do feminismo marxista que a libertação das mulheres necessita do socialismo como agente de uma quebra de estrutura, assim como o socialismo também necessita das mulheres em prol dessa real transformação. A união da força trabalhadora, a greve de massas impulsionada pela revolução é a saída. Ao elencar esses elementos, concluo que é possível considerar Rosa Luxemburgo como uma feminista, como um encontro quase inevitável de feminismo e marxismo.



Figura 14. Fonte: < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/11/cultura/1547209310_525215.html> acesso em 04/12/19

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Sonia E. **Para além da sociedade civil: Reflexões sobre o campo feminista.** Cadernos Pagu, 2014, v. 43, p. 13-56, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0013.pdf>. Acesso em: 2 set. 2019.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?** Trad. Maíra Mee Silva e revisão técnica de Mariana Luppi. Socialist Worker. 2013.

PETER HUDIS and KEVIN B. ANDERSON (orgs), . **The Rosa Luxemburg Reader.** Edited by Ed. Monthly Review Press. 1 de Fevereiro de 2004. Writings on Women, 1902-1914. p. 233-245

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** Trad. Leandro Konder; Aparecida Maria Abranches. 3a ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2018.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva/** Silvia Federici. Título original: Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elente, 2017. A Acumulação do Trabalho e a Degradação das Mulheres. p. 109-234

FRÖLICH, Paul, 1884-1953. **Rosa Luxemburgo: pensamento e ação.**/Paul Frölich; Nélio Scheneider, ica Ziegler.-1.ed.-São Paulo: Boitempo; Iskra, 2019.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo** - São Paulo: Claridade, 2011. p. 120. -(Saber de tudo)

HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 342.

LOUREIRO, Isabel (org.). **Rosa Luxemburgo: cartas.** traduzido por Mário Luiz Frungillo, Grazyna Maria Asenko da Costa, Pedro Leão da Costa Neto. Vol. 3. 3.ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____.**Rosa Luxemburgo: vida e obra** /Isabela Loureiro- 5.ed. -São Paulo: Expressão Popular, 2005. 96p.

_____. **Socialismo ou Barbárie: Rosa Luxemburgo no Brasil.** São Paulo, Instituto Rosa Luxemburg Stiftung. Estação das Artes- 2.ed. 2009. 128p.

LÖWY, Michael. **Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber.** Tradução: Lucas Amaral de Oliveira; Mariana Toledo Ferreira. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011, pp.129-142

LUXEMBURGO, Rosa, 1871 -1919. **Reforma ou revolução?/** Rosa Luxemburgo; tradução de Livio Xavier. -3.ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2015. 144p.

_____. **A mulher proletária.** Transcrição: Alexandre Linhares .Textos escolhidos vol. I, Isabel Loureiro (org.) - Editora UNESP, páginas 493-496. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1914/03/05.htm>> acessado 04/12/19

_____. **A revolução Russa/** Trad: Isabel Loureiro.– São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017. p. 124.

_____. **Voto feminino e luta de classes.** Ideias de Esquerda. Disponível em: <<https://esquerdadiario.com.br/ideiasdeesquerda/?p=809>> acessado 04/12/19

MACKINNON, Catharine, A. **Feminism, Marxism, Method, and the State: An Agenda for Theory,** em Revista Direito & Práxis. Tradução: Juliana Carreiro Avila; Juliana Cesario Alvim Gomes. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 798-837.

MCCANN, Hannah. (org). **O livro do feminismo.** [et al.]; tradução Ana Rodrigues. - 1.ed.- Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019: il. (As grandes ideias de todos os tempos).

MIGUEL, Luis Felipe.; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política: uma introdução.** São Paulo: Boitempo, 2014. p. 17-30/147/152

WEBER, Max, 1864- 1920. **A ética protestante e o espírito do capitalismo/** Max Weber; tradução Mário Moraes. - São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra-prima de cada autor, 49).